



Espaços emancipatórios como ferramentas para a transição agroecológica rumo ao bem-viver

Emancipatory spaces as tools for the agroecological transition to well-living

KELLERMANN, Renata¹; MOTA, Gabriela², LOPES, Paulo Rogério³

¹Universidade Federal do Paraná, kellermannrenata@gmail.com; ²Universidade Federal do Paraná, gabe-mota@live.com; ³Universidade Federal do Paraná, agroecologialopes@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo: As recentes e contínuas crises ambientais e sociais às quais as populações mais desassistidas atravessam, evidenciam as consequências do modelo capitalista. Desde a violência que aflige etnias Brasil afora, até a pandemia do COVID-19 que assolou o mundo inteiro e afetam, majoritariamente, as populações carentes. Essas e outras mazelas evidenciam a urgência em repensar a forma como nos relacionamos com o mundo e com quem nele vive. O presente trabalho tem como objetivo sistematizar e socializar a potência da educação e dos espaços libertários como ferramentas para a transição social, econômica, ética, ambiental, cultural, dentre outros pilares que sustentam a sociedade, rumo ao bem-viver. Os exemplos abordados serão as Interações Culturais Humanísticas (ICHs), um dos módulos que compõem a grade curricular de todos os cursos da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral (UFPR Litoral) e o Movimento Autônomo de Mulheres na Agroecologia (MAMA). Mesmo que o primeiro espaço esteja relacionado ao meio acadêmico e o segundo não, ambos configuram-se como espaços libertários e lançam mão de metodologias parecidas para os incorporarem. O primeiro, reuniu discentes, docentes e a comunidade não acadêmica acerca do tema da Transição Agroecológica. O segundo, é um movimento prático e orgânico, que reúne mulheres relacionadas ou não à Universidade para pensar, problematizar e propor práticas libertárias que contemplem a realidade de outras mulheres e pessoas não binárias que, de alguma forma, relacionam-se à Agroecologia.

Palavras-chave: educação libertária; metodologias participativas; tecnologias sociais; espaços pedagógicos.

Contexto

Durante a pandemia, nos anos de 2020 e 2021, dois módulos de ICHs com o tema da Transição Agroecológica foram oferecidos através da modalidade de Ensino Remoto Emergencial (ERE). Ocorreram, portanto, de forma online (metapresencial). Tendo em consideração a pandemia em curso e as questões acerca dela, que refletiram na paralisação de muitas atividades, assim como na reflexão sobre o impacto dessas, a ICH com esse tema pôs em xeque as formas predatórias que o ser humano tem se relacionado com o mundo, apontando contrapartidas através de exemplos de transição agroecológica espalhados pelo Brasil, que rumam ao bem-viver.



O MAMA, por sua vez, nasceu em 2019, quando estudantes do curso de Tecnologia em Agroecologia (UFPR Litoral) organizaram-se em torno de uma situação de abuso de poder para denunciá-la. Na época, o MAMA ainda não era entendido como um coletivo em movimento contínuo, interessado e disposto a acessar contextos além da Universidade. Foi no ano de 2022 que aconteceu o primeiro encontro presencial do MAMA, na cidade de Matinhos (PR), que consistiu na reunião de algumas mulheres com objetivos em comum, a fim de mapear outras similaridades, movidas pela vontade e necessidade de engajar-se e engajar outras mulheres em torno dessas e, assim, conferir corpo ao movimento.

Descrição da Experiência

Os encontros nas ICHs acerca do tema da Transição Agroecológica contaram com a participação de pessoas de diferentes localidades do Brasil, com experiências também diferentes. Apesar de possuírem o mesmo tema, as ICHs tiveram focos distintos. Uma, voltou-se às experiências de Transição Agroecológica pelo Brasil e a outra, voltou-se à criação de animais de pequeno porte, com atenção especial voltada às tecnologias sociais¹ empregadas nessas criações.

Através do Diálogo de Saberes, prática da educação libertária², experiências, processos, resultados e afins, foram compartilhados. Desde as ferramentas empregadas, tanto à Transição Agroecológica quanto às criações, até as metodologias de organização, foram compartilhadas com o auxílio de uma série de metodologias participativas³. Os encontros sempre se deram no formato de círculo de cultura⁴ adaptado ao online, sendo as experiências partilhadas de forma dialógica, conferindo a esses espaços características de protagonismo popular no âmbito da Transição Agroecológica.

Já o Movimento Autônomo de Mulheres na Agroecologia caracteriza-se como um movimento orgânico, tecido conforme os movimentos daquelas que o compõem. No ano de 2022, quando ganhou nome e tomou formas mais concisas através dos movimentos que realizou, notou-se a necessidade de ampliar o olhar e as práticas para além dos espaços acadêmicos. Assim, os primeiros encontros deram-se na Horta Comunitária do Castelinho (Matinhos/PR), espaço concebido em 2018, mas que encontrava-se abandonado. A escolha por esse local deu-se pela importância que as mulheres deram em realizar os encontros fora da Universidade, em vista de afetar pessoas que não acessam esse espaço e de fomentar e a região na qual algumas das integrantes viviam, e também pelo desejo e necessidade das mulheres ocuparem o manejo agroecológico em um espaço seguro que, nesse caso, compreendido como espaços protagonizados por mulheres.

O movimento na horta começou a afetar a vizinhança, principalmente mulheres e crianças, que organicamente começaram a ocupar e também protagonizar esse espaço. Com o passar do tempo, entretanto, as necessidades percebidas pelo



coletivo evidenciaram-se em torno da liberdade financeira dessas mulheres. Assim, o espaço da horta foi gradativamente sendo desocupado pelo coletivo, que por limitações materiais e de tempo, viu-se impossibilitado de seguir protagonizando e conferindo protagonismo às outras mulheres sem suporte financeiro para tanto.

Frente à carência financeira que todas as mulheres do coletivo apontaram como fator limitante, o MAMA passou a organizar eventos culturais, como feiras, SLAMs, bazares e fomentar movimentos pessoais de suas integrantes, como cursos e venda de artesanatos. Em vista disso, atualmente o movimento tem se dado em torno de ações voltadas à liberdade financeira das mulheres do coletivo, bem como de outras que não atuam diretamente nele. Nesse cenário, ainda, tem-se estabelecido as potencialidades e limitâncias do coletivo.

Guzmán e Molina (2005) trazem que a Agroecologia se baseia na ação social e coletiva, e que essa constitui um processo de identificação mútua que se desdobrará, dentre outras coisas, em ações vinculadas ao manejo dos recursos naturais. Tanto os exemplos compartilhados durante as ICHs pelos convidados e a forma como o próprio espaço foi organizado, assim como o MAMA, evidenciam a ação social e coletiva daqueles que protagonizam a transição social à qual estão relacionados, ainda que em diferentes etapas. Frente aos desafios de tempo e do online, as partilhas na ICH acerca da transição agroecológica, giraram em torno de processos já estabelecidos, com menor foco nos movimentos de base que o sustentaram. O MAMA, por sua vez, demonstra desde a base as potências e carências para a transição agroecológica, rumo ao bem-viver.

O ICH como um movimento alocado no espaço e no tempo, e o MAMA como um movimento contínuo, espalhado no espaço e no tempo, em maior e menor intensidade, de acordo com a realidade de suas integrantes, objetivam o bem-viver, que, por sua vez, se afirma no equilíbrio, na harmonia e na convivência entre o indivíduo com ele mesmo, entre o indivíduo e a sociedade, e entre a sociedade e o planeta com todos os seus seres (Acosta, 2014).

Resultados

Ambos os espaços lançaram mão de metodologias participativas para organizarem-se e se incorporarem. As metodologias participativas configuram-se como tecnologias sociais na medida em que são baratas ou sem custo nenhum, são adaptáveis e empregadas para sanar algum problema social. Lançar mão de tecnologias sociais é ir de encontro ao sistema capitalista vigente, que ao dominar as tecnologias, os meios de produção e comunicação, cerca as liberdades desses que não dominam nem tecnologias, nem meio algum. Assim, ainda de acordo com Guzmán e Molina, que apontam como fundamental o desenvolvimento e a prática de metodologias que permitam integrar a visão da identidade local dos atores envolvidos, tidos como centrais no processo de transição agroecológica, as ICHs e



o MAMA configuram-se como espaços que resultam em valiosas trocas de experiências, em formações e em possibilidades de unir ensino, pesquisa e extensão.

Mesmo que as universidades públicas, ainda mais no contexto em que se deram as ICHs, se encontrassem ameaçadas frente a um governo com discursos anti-científicos, e mesmo com as limitações, principalmente de ordem financeira, das integrantes do MAMA, ambos movimentos refletem a potência que uma educação pautada no compromisso social possui frente às cada vez mais recorrentes catástrofes ambientais e sociais em curso. A partir da educação libertária, tem-se a possibilidade de escrever e atuar na própria história, em cujas ações são tomadas em vista de ultrapassar os mais eminentes desafios nos diferentes momentos do processo de transição agroecológica.

¹ Tecnologias sociais: métodos, técnicas, produtos ou processos simples, de baixo custo e de fácil aplicabilidade que, adaptados às características locais, servem para solucionar algum tipo de problema social.

² Educação libertária: Para Paulo Freire (1967), é a educação que, desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação e que só pode alcançar efetividade e eficácia na medida da participação livre e crítica dos educandos. Ela propõe ao sujeito uma postura de auto-reflexão e de reflexão sobre seu tempo e seu espaço. Auto-reflexão que o levará ao aprofundamento consequente de sua tomada de consciência e de que resultará sua inserção na História, não mais como espectador, mas como figurante e autor.

³ Metodologias participativas: Gomes, Soares e Bronzatto (2015) depreendem que os sujeitos sociais participam ativamente dos processos de avaliação, planejamento e intervenção. Seus conhecimentos e experiências são valorizados e todos são envolvidos nas discussões. Assim, amplia-se o grau de análise sobre a realidade a partir de um amplo leque de explicações e percepções sobre uma dada situação.

⁴ Círculo de cultura: método tramado por Paulo Freire (1967) no qual assume-se a construção do conhecimento a partir do diálogo, da participação e do respeito. Para Freire (1967), “o círculo se constitui em um grupo de trabalho e de debate (...), o que fundamentalmente importa é que estes homens particulares e concretos reconheçam a si próprios, no transcurso da discussão, como criadores da cultura”.

Referências bibliográficas

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Elefante, v. 2., 2017.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1967.

GOMES, Marcos Affonso; SOARES, Neluce.; BRONZATTO, Luiz Augusto. **Metodologias participativas, elaboração e gestão de projetos**. WWF projetos, 2015. Disponível em:

https://d3nehc6yl9qzo4.cloudfront.net/downloads/manual_metodologias_participativas_v4.pdf



Acesso em: 19 de junho. 2023.

GUZMÁN, E. S.; MOLINA, M. G. **Sobre a evolução e o conceito de campesinato.** Brasília: Via campesina do Brasil, 2005.